

Da Abertura do Canal do Suez ao *Ultimatum*: o Egípto e o Imperialismo Britânico Vistos por Eça de Queirós

Teresa Pinto Coelho

Professora Catedrática/FCSH

Pela quarta vez na história, Alexandria deixou de existir.

Tratando-se do Egípto, terra das antigas maldições, pode-se pensar, em presença de tal catástrofe, que passou por ali a cólera de Jeová – uma dessas cóleras de que ainda estremecem as páginas da Bíblia, quando o Deus único, vendo uma cidade cobrir-se da negra crosta do pecado, corria de entre as nuvens a cicatrizá-la pelo fogo como uma chaga viva da Terra. Mas desta vez não foi Jeová. Foi simplesmente o almirante inglês Sir Beauchamp Seymour, em nome da Inglaterra, e usando com vagar e método por ordens do governo liberal do Sr. Gladstone os seus canhões de oitenta toneladas. (Eça de Queirós, “Os Ingleses no Egípto”: 177)¹

Em 27 de Setembro de 1882, é assim que, no primeiro dos seis artigos que sobre o tema publica na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro,² José Maria Eça de Queirós se refere ao bombardeamento de Alexandria, ocorrido em 11 de Julho desse ano. Eça conhecia a cidade. Visitara-a em 1869, quando, na companhia do seu amigo e irmão da sua futura mulher, Luís de Castro

1. Doravante, as indicações de página serão incorporadas no texto precedidas da abreviatura *IE* correspondente a “Os Ingleses no Egípto”.

2. Os outros artigos são publicados em 28 e 29 de Setembro e 13, 17 e 24 de Outubro de 1882.

Pamplona, Conde de Resende, viajara ao Egipto para assistir às festas de abertura do Canal do Suez. As impressões de viagem ficariam registadas num conjunto fragmentário de apontamentos contidos no espólio queirosiano da Biblioteca Nacional (E1/305), que, sob o título *O Egipto. Notas de Viagem*,³ seriam, em parte, dados à estampa pelo seu filho José Maria, em 1926.

Alexandria era, então, o ponto de chegada de todos os viajantes que empreendiam o *Grand Tour* do Oriente. Haviam-no precedido escritores como Nerval, Gautier e Flaubert, jovens mulheres mais tarde convertidas em heroínas, como Florence Nightingale, futuros Primeiros-Ministros, como Disraeli, pintores, como John Frederick Lewis, William Holman Hunt, ou David Roberts.

A partir dos anos quarenta do século XIX, o *Grand Tour* tradicional, alargado ao Oriente, popularizava-se. A viagem típica, geralmente empreendida em fins do Outono, ou no início do Inverno (Nightingale, Flaubert, Eça), começava pelo desembarque em Alexandria e continuava pelo Cairo (no tempo de Eça, já unidos pelo caminho de ferro) e o Alto Nilo prolongando-se pela Palestina e a Síria, (Withey: 233) itinerário também percorrido por Eça e registado no seu espólio.⁴

Cidade mercantil, despojada do seu mítico passado ptolomaico e agora europeizada, Alexandria não impressiona Eça em 1869.

A ideia é repetida treze anos mais tarde em “Os Ingleses no Egipto”:

Apesar dos seus dois mil anos de idade, de ter sido, depois de Atenas e Roma, o maior centro de luxo, de letras e de comércio, que floresceu no Mediterrâneo, a velha cidade dos Ptolomeus não possuía hoje nenhum monumento do seu passado, a não contarmos, ao lado de um velho

3. Trata-se, como é conhecido, de uma edição polémica, com muitas interferências e incorrecções por parte de José Maria Eça de Queirós. Ver Guerra da Cal, Tomo I: 396-397. Ver também Luís Manuel de Araújo: 15-31. Utilizá-la-emos dada a ausência de uma edição crítica.

4. A parte da viagem relativa à Palestina e à Síria não seria incluída na citada edição de José Maria Eça de Queirós, tendo sido publicada mais tarde pela filha do romancista in *Eça de Queiroz. Folhas Soltas*: 21-122.

cemitério muçulmano, uma coluna dirigida outrora por um prefeito romano em honra de Diocleciano, conhecida pelo sobrenome singular de Pilar de Pompeu e, mais longe, estendido num areal, um obelisco faraónico do templo de Luxor, que gozava a grotesca alcunha de Agulha de Cleópatra. (IE: 175)

Em 1869, Eça havia-se igualmente referido a este obelisco indicando a sua verdadeira proveniência, Heliópolis, que visitara. Em “Os Ingleses no Egipto” fornece, pois, uma informação errada: o obelisco do Templo de Luxor encontra-se não em Londres, mas na Place de la Concorde.

Na verdade, em Alexandria, Eça vira não um, mas dois obeliscos. (O *Egipto*: 43)⁵ Um deles, oferecido aos Estados Unidos em 1869, encontra-se em Nova Iorque desde 1880; o outro seria transportado para Londres, como regista ironicamente o texto queirosiano da *Gazeta de Notícias*: “E esta mesma relíquia está agora em Londres, no aterro do Tamisa, pousada numa peanha de bronze, animada pela luz eléctrica, aturdida pelo estrondo dos comboios...”. (IE: 175)

Eça poderia ter visitado o monumento na capital inglesa. A denominada “Agulha de Cleópatra” chegaria a Londres em 1878 (Eça vivia em Newcastle desde 1874), embora houvesse sido oferecida por Mohammed Ali a George IV em 1820. Porém, dificuldades de transporte levariam a que permanecesse muitos anos em Alexandria, (Coelho, *O Portugal*: 23 e *James Edward Alexander*: 33-34)⁶ onde fora também alvo dos olhares de Florence Nightingale e de Flaubert.

Nas notas recolhidas durante a viagem ao Egipto, Eça descreve também muitos dos lugares percorridos por outros. No Cairo, encontra-se luxuosamente instalado no Shepherd’s, situado perto da ópera e dos jardins de Ezbekia, hotel incendiado em 1952 enquanto

5. Doravante, as indicações de página serão incorporadas no texto precedidas da abreviatura NV relativa a *Notas de Viagem*.

6. Para a história do transporte do obelisco para Inglaterra, ver James Edward Alexander, *Cleopatra’s Needle. The Obelisk of Alexandria*, 1879 e Erasmus Wilson, *Cleopatra’s Needle. With Brief Notes on Egypt and Egyptian Obelisks*, 1877.

símbolo da ocupação inglesa e substituído por outro Shepherd's, ainda hoje existente, construído em 1957, perto de Tahrir. No Shepherd's, encontra Gautier e toda uma sociedade europeia cosmopolita; daí parte para os seus passeios, que descreve minuciosamente e já com o brilho que caracterizaria a pena queirosiana: as ruas do Cairo e os seus habitantes, os bazares, as mesquitas (dedicando todo um capítulo a Al-Azhar), a Cidadela, as pirâmides de Guiza, Sakara, Mênfis. Eça não viaja para sul de Mênfis, não visitando o Alto Egipto, como Flaubert e outros. Fradique fá-lo-ia em 1871, chegando a Abu Simbel.

O jovem Eça visita também algumas novidades da época: o recém-inaugurado (1863) museu egípcio (capítulo VIII), em Bulak (actualmente, Zamalek), que seria, com Nasser, transposto para o edifício ainda hoje em funcionamento em Tahrir; a nova ópera, inaugurada quando da abertura do Canal, onde encontraria o célebre egiptólogo Auguste Mariette⁷ e onde, dois anos mais tarde, Verdi estrearia *Aida*.

Reproduz também *topoi* retirados de outros viajantes. Como Flaubert, (*Flaubert in Egypt*: 82-87) Eça e o Conde de Resende frequentam os banhos turcos, experiência alongadamente descrita no capítulo XII. E não faltam considerações acerca da mulher egípcia, à qual é dedicado todo um capítulo intitulado "A Mulher no Oriente", assim como sobre o harém. É este o Olhar masculino sobre o Oriente, mais ainda, a Orientalização do Oriente, para citarmos Edward Said. Referindo-se a Flaubert, Said chama a atenção para a imagem de um Oriente sexualizado, (207-208) destacando a forma como os viajantes descreviam os seus encontros com mulheres. (186-88) Neste contexto, surgem descrições dos mistérios do harém, apenas imaginados pois os viajantes masculinos não podiam lá entrar. Como vimos, Eça não constitui excepção. Poderia ter lido relatos de outros viajantes, como *Voyage en Orient*, de Nerval, publicado em 1851, ou

7. Mariette chega ao Cairo em 1850 e dedicaria o resto da vida às descobertas no Egipto. Foi o fundador e o primeiro director do Serviço de Antiguidades do Museu do Cairo.

Le Nil, Égypte et Nubie (1854), de Maxime du Camp, como assinala Jean Girodon. (129-186)

Porém, nos interessantes e vibrantes apontamentos queirosianos, não é esta a imagem que nos interessa, mas uma outra intercalada nos retratos das ruas do Cairo, com os seus cheiros, os *mucharabiehs* e os homens fumando narguilé: a imagem política e social que nos é dada da sociedade egípcia.

Ao contrário de Flaubert e Maxime du Camp, Eça não deixa de retratar a pobreza reinante tecendo interessantes comentários sobre as condições de vida do *fellah*, o camponês egípcio, esmagado com o peso dos impostos que o Egipto, endividado à França e à Inglaterra (“endividado até ao alto das pirâmides”, *IE* 178), tem de pagar.

É este um tema recorrente, o que revela um Eça já preocupado com questões sociais que iriam encontrar continuidade na sua obra. O *fellah* é o bode expiatório de uma sociedade europeizada que remontava a Mohammed Ali e se prolongara pelas gerações seguintes, sucessão de governantes que delapidam o erário público e que merece a Eça veementes críticas,⁸ sobretudo o Khediva Ismail e os seus “luxos de Salomão”. (*IE*: 196)

Vítima de exploração, o *fellah* é descrito em passagens como a seguinte:

O *fellah* não possui. Está na miserável condição do antigo servo feudal. (...) Possui o Paxá, possuem os beis, possuem as mesquitas. O *fellah* trabalha, reza e paga. Não tem propriedade, nem liberdade nem família. É inferior ao escravo. O escravo era raras vezes bastonado; representava um valor, um objecto mercantil, que se podia deteriorar, ficar com uma deformidade nas costas, uma chaga nas pernas: por isso só o bastonavam na sola dos pés.

O *fellah*, esse, é tomado livremente, amarrado a uma árvore, lançado a

8. Mohammed Ali governara entre 1805 e 1848 tendo-lhe sucedido o seu sobrinho Abbas, assassinado em 1854. Said governou até 1863, seguindo-se-lhe Ismail, deposto pela Inglaterra em 1879 e substituído por Twefik.

uma cova húmida, e quando se revolta, encostam-no a uma parede, erigido sobre três tijolos, pregam-lhe as orelhas à parede – e tiram-lhe os tijolos! O corpo fica suspenso pelas orelhas ensanguentadas, rasgadas, distendidas, roxas!

Hoje, dizem, sob a influência europeia, estes castigos estão levemente modificados. O *fellah*, porém, nunca é afastado devagar pelo názir que passa, pelo bei que galopa no seu cavalo sírio: é repellido duramente, a vergastadas de *curbach*! (NV: 55)

E Eça retrata o *fellah* nu, a trabalhar dia e noite pelos campos, a viver promiscuamente num buraco de três metros, esqualido e infecto, a família a mendigar, atirado para a vala comum quando morre e sempre resignado e devotado a Alá. Por contraste, “o paxá tem barcos, tem cavalos, burros, dromedários, o Nilo”. (NV: 57)

O tema ressurge em “Os Ingleses no Egipto” mostrando uma linha de continuidade que evidencia como a viagem às terras do Nilo o havia impressionado. Assim, reconta um episódio que presenciara quando da chegada a Alexandria. Comparemos os dois textos.

Escreve Eça em 1869:

Sobre o cais, um homem de bigode militar, longo casacão esfarrapado, vil e ignóbil, vergastava com o *curbach* de pele de búfalo um pobre *fellah* de rosto egípcio, a cabeça pequena, o olhar levemente ébrio, a face saliente, os pés espalmados. O miserável, vergado, arquejando, esperava numa atitude dobrada e paciente o fim das vergastadas. O homem de aspecto militar deixou cair o braço, o *fellah* sacudiu-se – e arremessou-se com uma violência bárbara ávida sobre as nossas bagagens... (NV: 37)

O episódio é rememorado e ampliado em “Os Ingleses no Egipto”:

O primeiro episódio oriental que eu vi, ao desembarcar há doze anos em Alexandria, foi este: no cais da alfândega, faiscante sob a luz tórrida, um empregado – europeu pelo tipo, pela sobrecasaca, sobretudo pelo *bonnet* agalado – estava arrancando a pele das costas de um árabe, com aquele chicote de nervo de hipopótamo que lá chamam *courbache*, e que é no

Egipto o símbolo oficial da autoridade.
(...)

Saciado ou cansado, o homem da *courbache*, que era um magrizona, atirou um derradeiro pontapé à anatomia posterior do árabe (...) e, voltando-se para o meu companheiro e para mim, ofereceu-nos, de *bonnet* na mão, os seus respeitosos serviços. Era um italiano, e encantador. A esse tempo o árabe (...) depois de se ter sacudido como um terra-nova ao sair da água, fora-se agachar a um canto, com os olhos luzentes como brasa, mas quieto e fatalista, pensando decerto que Alá é grande nos céus e necessário na terra a *courbache* do estrangeiro. (IE: 189-190)

E Eça conclui, estabelecendo o fio condutor que lhe permite comentar ironicamente o ataque aos europeus que precedera o bombardeamento de Alexandria:

Quando no dia 11 de Junho [de 1882], eu li esses telegramas repassados de pânico, em que se anunciava à Europa que a população árabe massacrava os europeus nas ruas de Alexandria – não sei porquê reví logo o cais da alfândega, o italiano serviçal de *bonnet* agalado, a *courbache* estalando nas costas escuras do árabe. Isto não é trazido como alegoria, para dizer que as relações dos europeus e dos egípcios se reduzem a estas duas atitudes (...): muito menos quero insinuar que o massacre do dia 11 foi a tardia vingança destas brutalidades burocráticas... (IE: 190)

Em “Ingleses no Egipto” sobressai a defesa do *fellah* e de Arabi, o coronel que organiza a resistência nacionalista, também ele, de uma família de *fellahin*, e que reclama: “O Egipto para os egípcios”. Sobressai também a crítica ao então Kadhiva, Tewfik, mero fantoche nas mãos dos ingleses. E Eça explica as reformas que Arabi pretendia introduzir: o fim da autoridade absoluta do Kadhiva, a reforma da utilização dos dinheiros públicos consumidos em pesados impostos pagos a credores franceses e ingleses e o cessar dos privilégios de que os estrangeiros gozavam no Egipto.

É esta uma série de artigos contra a intervenção estrangeira,

leia-se inglesa, tendo como objectivo criticar o imperialismo britânico, tema recorrente no jornalismo queirosiano. Eça está consciente dos objectivos do bombardeamento de Alexandria: a defesa do império britânico na Índia através da protecção da rota do Suez. Porém, a sua interpretação dos acontecimentos é sectária e errada. Eça exagera, com objectivos específicos: veicular a imagem de uma Inglaterra despótica, dominadora, exploradora. Assim, retrata o bombardeamento de Alexandria e os episódios que se lhe seguiram até à derrota de Arabi, em 13 de Setembro de 1882, como um grande plano para anexar o Egipto: “John Bull não ficará satisfeito senão com este resultado maciço e duradouro – um ‘Egipto inglês’, tendo dentro do seu território, como um corredor de casa particular, o canal do Suez, caminho das Índias”. (IE: 213)

É assim que acusa a Inglaterra de se aproveitar das insurreições nacionalistas para intervir utilizando o restabelecimento da ordem como pretexto:

O que à Inglaterra convinha, era atribuir a este conflito local a magnitude de uma anarquia nacional, e oferecer ou impor o seu préstimo – não para castigar os tumultos de um bairro mas para pacificar todo um país em desordem.

(...)

O “Egipto estava em anarquia” – logo competia à Inglaterra, paladino da civilização, restabelecer lá a ordem, e impedi-lo de cair no estado bárbaro. (IE:199)

Evidentemente o sr. Gladstone fala apenas em “restabelecer a ordem e restaurar o Quediva”. Meras alocações diplomáticas. (IE: 212)

Está longe da verdade. Manipula a informação. Gladstone não tencionava intervir no Egipto mais do que a Inglaterra já fazia – controlo do Khediva e das finanças egípcias com a França para não romper a *entente* com os franceses – e, mesmo depois do bombardeamento, não quer ficar. A ocupação é vista como temporária até ser restaurado o poder do Khediva. Os acontecimentos ditariam o contrário: após a morte de Gordon em Khartum, em 1895, a Inglaterra

vê-se obrigada a continuar a ocupar o Egípto, o que não constava do plano inicial. (Gallagher e Robinson: 76-121; e Darwin 72-74)

Assim, Eça conduz a sua narrativa como lhe convém, acabando por prever o futuro. Não é coincidência que muitos historiadores atribuam à ocupação do Egípto o início da corrida à África. (Sanderson 1-54)

Eça é um observador privilegiado. Durante o tempo em que vivia em Inglaterra assistira à Guerra Russo-Turca (1877-78), que ele próprio relatara para o jornal portuense *A Actualidade*, (*Cartas de Inglaterra*: 191-346) e ao malogro do Afeganistão, registado na *Gazeta de Notícias* em 19 de Setembro de 1880. (*Textos de Imprensa IV*: 77-85) Assistira também à compra das acções do Canal do Suez, em 1875, à coroação da Rainha Victoria como Imperatriz das Índias, em 1876, e à tomada de Chipre em 1878, tudo obra de Disraeli. Em 23 e 24 de Agosto de 1881, publicara mesmo para a *Gazeta de Notícias* um interessante obituário sobre o falecido Primeiro-Ministro conservador intitulado "Lord Beaconsfield".

Nesse texto a acção de Disraeli é alvo de duros comentários irónicos:

Como homem de Estado o nome de Lord Beaconsfield não fica decerto ligado a nenhum grande progresso na sociedade inglesa. Criar o título de Imperatriz das Índias para a rainha de Inglaterra, roubar Chipre, restaurar certas prerrogativas da coroa, tramar o 'fiasco' do Afeganistão não constituem decerto títulos para a sua glorificação como reformador social". ("Lord Beaconsfield": 139)

Apesar de o caricaturar como judeu, rir das suas toilettes de *dandy*, invejar o seu aspecto físico e o seu sucesso junto das mulheres e desdenhar do seu talento enquanto romancista, é como fundador do imperialismo moderno que Eça mais o ataca:

A sua assombrosa popularidade parece-me provir de duas causas: a primeira é a sua ideia (que inspirou toda a sua política) de que a Inglaterra

deveria ser a potência dominante do mundo, uma espécie de Império Romano, alargando constantemente as suas colónias, apossando-se, britanizando os continentes bárbaros e reinando em todos os mercados, decidindo com o peso da sua espada a paz ou a guerra do mundo, impondo as suas instituições, a sua língua, as suas maneiras, a sua arte, tendo por sonho um orbe terráqueo que fosse todo ele um Império Britânico, rolando em ritmo através dos espaços.

Este ideal, que tomou o nome de “imperialismo”, nos dias de glória de Lord Beaconsfield, é uma ideia querida a todo o mundo inglês. (“Lord Beaconsfield”: 14-18)

É, de facto, com Disraeli que surge em Inglaterra o termo “imperialismo” tomado na sua acepção moderna. Porém, mais uma vez, Eça é parcial. A reputação de Disraeli como imperialista é devida à acção propagandística encabeçada pelo seu opositor político, Gladstone, campanha que acabaria por levar à vitória do Partido Liberal em 1880. Disraeli nunca mostrou grande interesse pela administração colonial e não tinha qualquer desejo de ditar uma política imperial, não sendo o expansionista que, tão frequentemente, é acusado de ser. Era a Índia, e a utilização que dela podia fazer para reforçar o poder da Grã-Bretanha na cena mundial, que lhe interessava. (El-bridge: 37-63)

Mal sabia Eça que o bombardeamento de Alexandria acabaria por ficar nas mãos de Gladstone, que tanto defende como paladino do anti-imperialismo. Porém, consegue prever que seria com a subsequente ocupação britânica do Egipto que os ingleses se lançariam numa ofensiva expansionista que levaria ao *Ultimatum* e à partilha do continente africano.

Atento seguidor da política imperial britânica ao longo de tantos anos, não é, pois, de estranhar que o mesmo Eça venha a escrever um texto sobre o *Ultimatum*. Podemos argumentar que não poderia ficar de fora da comoção nacional que se levanta contra a Inglaterra, após o 11 de Janeiro de 1890. Mas, mais importante, é reflectir sobre a posição que adopta sobre o conflito, tão diferente da dos seus contemporâneos em Portugal, (Coelho, *Apocalipse*) ao afirmar que não

vale a pena vociferar contra a velha aliada.

Em primeiro lugar, está fora do país (vive agora em Paris, desde Setembro de 1888), o que lhe permite analisar o conflito a frio; em segundo lugar, escreve o artigo para a sua própria revista – a *Revista de Portugal* – e não para os jornais nacionais, o que quer dizer que controla, ele próprio, a informação, não estando sujeito a intromissões por parte de outros editores. Mas, mais importante ainda, conhece, como vimos, pormenorizadamente e, de há muito, a questão.

É assim que compreende que o *Ultimatum* é apenas uma pedra num jogo de xadrez mais vasto, fornecendo pormenores históricos muito elucidativos que apresenta logo na abertura do artigo:

Através dos últimos dez anos, a Inglaterra, por uma sequência de factos, alguns imprevistos (ocupação do Egipto [notemos, ao contrário do que afirmara em “Os Ingleses no Egipto”, que já a considera um imprevisto], pacificação temporária do Sudão, marcha dum exército até Cartum, reorganização das missões do Niassa, descoberta dos jazigos auríferos na terra de Lobengula, etc., etc.), começou a entrever, como sonho realizável, a fundação de um grande Império Africano.

E explica, no mesmo texto: “Esse império, segundo o traçam nos seus largos contornos as publicações inglesas, estender-se-á de Alexandria ao Cairo”. (Gomes: 67)

Como se informa para a elaboração deste e de outros artigos? Sabemos que para “Os Ingleses no Egipto” lera jornais ingleses, que ele próprio cita: *Times*, *Standard* e *Pall Mall Gazette*. Agora em Paris, o que lê? Refere-se a “publicações inglesas”. Quais? Da investigação que efectuámos recentemente, sabemos que comprava na livraria parisiense Galignani, sediada, como hoje, no número 224 da Rue de Rivoli, grande número de jornais e revistas inglesas de diversos quadrantes políticos. Incluindo desde a conservadora e muito reputada *Contemporary Review* a *magazines* popularizantes como a *Cassell's*, a *Chambers's* ou a *Rare Bits*, (Coelho, *Eça de Queirós and the Victorian Press*: 23-44) estes periódicos eram destinados à elaboração do *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* do Rio de

Janeiro, folha que fora convidado a dirigir e que edita entre Janeiro e Maio de 1892. Em Paris, Eça continua, pois, a acompanhar os acontecimentos artísticos, culturais e políticos ingleses, que reporta aos seus leitores do Rio. (Coelho, *Eça de Queirós and the Victorian Press*: 103-155) No *Suplemento* encontramos notícias sobre o Egipto, nomeadamente, em 29 de Fevereiro, um artigo não assinado, mas que poderá ser de autoria queirosiana, sobre a morte do Khediva Tewfik, recordando Ismail e as festas do Suez (“O Novo Khediva do Egipto”).

Eça é um ávido leitor. Mas não só de jornais. No que resta da sua biblioteca na Fundação Eça de Queirós, em “Tormes”, encontramos várias obras que testemunham o seu continuado interesse pelo Egipto (e pela Terra Santa; não nos esqueçamos que a viagem inclui a Palestina) e que terá lido ao longo dos anos. É o caso dos relatos de Nerval e de Maxime du Camp, como vimos, apontados por Girodon como fontes queirosianas, ou de obras como *The Morning Land* (Dicey) e *A Nile Novel* (Fleming).

A viagem física e mental ao Egipto acompanhá-lo-ia, pois, ao longo da vida, encontrando vários tipos de expressão, do jornalismo à ficção: *O Mistério da Estrada de Sintra*, *A Relíquia*, *O Mandarim*, a *Correspondência de Fradique Mendes*.

Fradique, o infatigável e eterno viajante, traria uma múmia para Lisboa. Vivendo em Paris, mas inglesado, *dilettante* e aparentemente superficial, *dandy* e irresponsável, mas lúcido, também ele não resiste ao fascínio do Oriente. Quem sabe se entre as suas misteriosas notas, guardadas pela sua não menos misteriosa amante russa, Libuska, não se encontram as impressões da viagem que fizera à terra dos faraós?

Manuscritos e Fontes Impressas Citados

Manuscritos

Biblioteca Nacional de Portugal, Espólios: E1/305.

Fontes impressas

- Alexander, James Edward. *Cleopatra's Needle. The Obelisk of Alexandria. Its Acquisition and Removal to England Described*. London: Chatto & Windus, 1879.
- Araújo, Luís Manuel de. *Eça de Queirós e o Egipto Faraónico*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1987.
- Cal, Ernesto Guerra da. *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra*. Tomo I. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigenis, 1975.
- Coelho, Teresa Pinto. *Apocalipse e Regeneração. O Ultimatum e a Mitologia da Pátria na Literatura Finissecular*. Lisboa: Cosmos, 1996.
- *Eça de Queirós and the Victorian Press*. London / New York: Boydell & Brewer, 2014 (também em e-book e em JSTOR).
- "James Edward Alexander e o Portugal de 1834. A Visão de um Inglês". Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1986.
- *O Portugal de 1834 e a Guerra Civil Vistos Pelos Ingleses*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
- Darwin, John. *The Empire Project. The Rise and Fall of the British World System 1830-1970*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- Dacey, Edward. *The Morning Land. Sketches of Turkey, The Holy Land and Egypt*, 2 vols. London: Macmillan, 1870.
- Eldridge, C.C. *Disraeli and the Rise of a New Imperialism*. Cardiff: University of Wales Press, 1996.
- Fleming, George. *A Nile Novel*. London: Macmillan, 1877.
- Gallagher, John e Ronald Robinson com Alice Denny. *Africa and the Victorians. The Official Mind of Imperialism*. Houndmills e London: Macmillan Education, 1981.
- Gironon, Jean. "'O Egipto' d'Eça de Queiroz". *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*. Nouvelle Série. 22, 1959-1960: 129-186.
- Gomes, João [Eça de Queirós]. "Notas do Mês". *Textos de Imprensa VI* (da *Revista de Portugal*). Ed. Maria Helena Santana. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1995. 69-82.
- "O Novo Khediva do Egipto". *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, 8 de Fevereiro de 1892: 2.
- Queirós, Eça de. *Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.]
- *O Egipto. Notas de Viagem*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.]
- *Folhas Soltas*. Palestina. Alta Síria. Sir Galahad. Os Santos. Porto: Lello & Irmão, 1966.
- "Os Ingleses no Egipto". *Textos de Imprensa IV* (da *Gazeta de Notícias*). Ed.

- Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. 175-221.
- "Lord Beaconsfield". *Textos de Imprensa IV*. 137-154.
- Sanderson, G.N., "The European Partition of Africa: Coincidence or Conjecture?". *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, 3, 1974-75: 1-54.
- Stegmuller, Francis (ed.) *Flaubert in Egypt. A Sensibility on Tour*. A Narrative Drawn from Gustave Flaubert's Notes & Letters Translated from the French. London: Penguin, 1966.
- Wilson, Erasmus. *Cleopatra's Needle: With Brief Notes on Egypt and Egyptian Obelisks*. London: Brian and Co., 1877.
- Withey, Lynne. *Grand Tours and Cook's Tours. A History of Leisure Travel 1750-1915*. London: Aurum Press, 1977.